

Amanhar a Terra **Arqueologia da Agricultura**

(do Neolítico ao Período Medieval)

Coordenação:

Isabel Cristina Fernandes
Michelle Teixeira Santos
Miguel Filipe Correia

AMANHAR A TERRA. ARQUEOLOGIA DA AGRICULTURA

[Do Neolítico ao Período Medieval]

COORDENAÇÃO

Isabel Cristina Fernandes

Michelle Teixeira Santos

Miguel Filipe Correia

**MUNICÍPIO DE PALMELA
Palmela, 2023**

FICHA TÉCNICA

Título: Amanhar a Terra. Arqueologia da Agricultura [Do Neolítico ao Período Medieval]

Coordenação: Isabel Cristina Fernandes | Michelle Teixeira Santos | Miguel Filipe Correia

Edição: Município de Palmela | 2023

Largo do Município

2951-505 Palmela

+351 212 336 640 | patrimonio.cultural@cm-palmela.pt

Grafismo da capa: Jorge Ferreira

Revisão: Isabel C. F. Fernandes | Michelle Teixeira Santos | Miguel Filipe Correia

Composição e diagramação: Hugo Rios e José Luís Santos

Impressão e acabamento: ARTIPOL - Artes Tipográficas, Lda. | www.artipol.net

ISBN: 978-972-8497-89-7

Depósito Legal: 517380/23

Tiragem: 500 exemplares

Copyright ©, 2023, os autores.

Toda e qualquer reprodução de texto e imagem é interdita, sem a expressa autorização do(s) autor(es), nos termos da lei vigente, nomeadamente o DL 63/85, de 14 de Março, com as alterações subsequentes. Em powerpoints de carácter científico (e não comercial) a reprodução de imagens ou texto é permitida, respeitando a origem e autoria do texto ou imagem, expressamente indicadas na reprodução.

Todos os direitos reservados para a Língua Portuguesa por Câmara Municipal de Palmela.

SUMÁRIO

Mensagem Álvaro Manuel Balseiro Amaro	11
Nota Introdutória Isabel Cristina Fernandes, Michelle Teixeira Santos, Miguel Filipe Correia	13
ORGANIZAR E GERIR O TERRITÓRIO AGRÍCOLA	
Porquê estudar o campesinato da Alta Idade Média no século XXI? Novas perguntas, novas propostas Carlos Tejerizo García	17
O Neolítico no concelho de Avis: balanço e perspectivas de investigação Ana Cristina Ribeiro	33
Amanhar e regar a terra. As hortas e a barragem do Convento de S. Francisco (Mértola): uma proposta interpretativa Virgílio Lopes	41
Uma paisagem agrícola de Época Romana? Considerações a propósito da intervenção arqueológica na Quinta das Donas (Portimão) Carlos Oliveira, Vera Teixeira de Freitas, Susana Estrela	49
Amanhar a terra no Garb al-Andalus. Um estado da questão Susana Gómez Martínez, Maria de Fátima Palma	57
A exploração agrícola da zona noroeste do território de Coimbra entre os séculos X e XII: algumas considerações a partir de casos de estudo Gil Vilarinho	75
La presa califal de La Jarilla, Córdoba. Una obra de ingeniería del siglo X Vicente Salvatierra, Antonio Vallejo, José Luis Reyes	85

ESPAÇOS DE VIDA DAS COMUNIDADES CAMPESINAS

- As primeiras comunidades camponesas no território de Palmela. O Casal da Cerca, um povoado do Neolítico Antigo Evolucionado**
Michelle Teixeira Santos 95
- Denticulados, elementos de foice. Um sítio da Pré-História recente em Corcheiros (Figueira de Castelo Rodrigo)**
Inês Soares e Filipe Alves Pina 105
- O Sílex na Idade do Bronze Final na região de Lisboa**
Eva Leitão e Guilherme Cardoso 113
- Campos, pastos e bosques. Comunidades agro-pastoris do Bronze Final no Outeiro do Circo (Mombeja, Beja, Portugal)**
Miguel Serra, Eduardo Porfírio,
Nelson J. Almeida, Sofia Silva; Sofia Soares 121
- Da Idade do Ferro à Idade Média:
ferramentas agrícolas da região de Lisboa**
Luísa Batalha e Guilherme Cardoso 135
- Está alguém em casa? A *villa* da Horta da Torre (Fronteira) e as mudanças na economia rural durante o final do Império**
André Carneiro 145
- O *horreum* da Tapada do Ribeiro do Carvalho (Machoquinho). Um celeiro do período romano “perdido” em Castelo de Vide**
Sílvia Ricardo 159
- Arqueologia e arquitetura doméstica rural, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)**
João António Ferreira Marques 167
- Evidências de produção agrícola em Cascais na Baixa Idade Média: alguns apontamentos**
Tiago Pereira e Vanessa Filipe 183
- ## TRANSFORMAR E CONSUMIR OS PRODUTOS DA TERRA
- Cerveza Prehistórica. Estado de la cuestión**
Manuel Edo, João Luís Cardoso, Adrià Breu 193
- Consumo de plantas cultivadas e silvestres em Salreu (Estarreja, Aveiro) durante a Idade do Ferro**
João Pedro Tereso, Filipe Costa Vaz, Sara Almeida e Silva,
António Manuel S. P. Silva 213

Agricultura extensiva en el imperio romano: el caso del aceite bético	
José Remesal Rodríguez	225
Agricultura e paisagem em torno do povoado de Mesas do Castelinho (Almodôvar)	
João Pedro Tereso, Filipe Costa Vaz, Cláudia Oliveira, Carlos Fabião, Amílcar Guerra, Susana Estrela	239
Alguns animais nas hortas da cidade: a fauna junto ao Teatro de <i>Felicitas Iulia Olisipo</i> (Lisboa)	
Lídia Fernandes e Simon Davis	257
Arqueobotânica com vista para o Douro: frutos e sementes do sítio do Rei Ramiro (Vila Nova de Gaia, Norte de Portugal)	
Luís Seabra, José Carvalho, Rui Ramos, María Martín-Seijo, Rubim Almeida, João Pedro Tereso	267
Carpological remains recovered in three Medieval Islamic storage pits at Largo dos Lóios (Lisbon, Portugal)	
Ana Fundurulic, Vanessa Filipe, José Pedro Henriques, Ana Manhita, Alessandra Celant, Cristina Barrocas Dias, Donatella Magri	283

REPRESENTAÇÕES E SIMBOLISMO

Os primeiros agricultores e pastores nas faldas da Serra de S. Mamede – Alentejo – Portugal	
Jorge de Oliveira	295
Artefactos de fibrolite e de outras rochas congéneres, ou similares, da Beira Interior: contributos para o seu conhecimento	
Raquel Vilaça, Marcos Osório, Lídia Catarino	309
As “enxós” votivas de calcário, um objecto ideotécnico característico do Calcolítico da Estremadura: a propósito da recolha de um exemplar em Póvoa de Santa Iria (Vila Franca de Xira)	
João Luís Cardoso, João Carlos Caninas, Francisco Henriques	323
Ecos agrícolas em monumentos epigráficos romanos	
José d’Encarnação	329

Uma paisagem agrícola de Época Romana? Considerações a propósito da intervenção arqueológica na Quinta das Donas (Portimão)

Carlos Oliveira^{*}, Vera Teixeira de Freitas^{**},
Susana Estrela^{*}

Resumo

A pretexto da apresentação dos resultados da intervenção arqueológica no sítio da Quinta das Donas, propõe-se uma leitura de território à escala local, através da qual se pretende enquadrar os vestígios ali encontrados com a ocupação de Época Romana conhecida na área circundante, designadamente nas *villae* da Baralha e do Monte da Torre. A configuração de diversas interfaces abertas no substrato geológico sugere tratar-se de vestígios relacionados com práticas agrárias. Apesar de escasso, o espólio associado a estes vestígios permite enquadrar a exploração desta área em Época Romana, mais concretamente durante o Baixo-império. Esta cronologia coincide genericamente com a ocupação das duas *villae* antes referidas, reforçando assim a possibilidade de a área em apreço corresponder a uma antiga paisagem agrícola.

Palavras-chave: *Villae*, Agricultura, Paisagem agrícola, Época Romana

Abstract

On the pretext of presenting the results of the archaeological intervention on the site of Quinta das Donas, a reading of the territory at a local scale is proposed, through which it is intended to frame the remains found there with the occupation of the Roman period known in the surrounding area, namely the *villae* of Baralha and Monte da Torre. The configuration of several interfaces opened in the geological substrate suggests that they are traces related to agrarian practices. The collection associated with these remains, although scarce, allows us to frame the exploration of this area in Roman times, more specifically during the Late Roman Empire. This chronology generally coincides with the occupation of the two referred *villae*, thus reinforcing the possibility that the area corresponds to an ancient agricultural landscape.

Keywords: *Villae*, Agriculture, Agricultural landscape, Roman Era

^{*} UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

^{**} Museu de Portimão/ CMP

1. INTRODUÇÃO

A pretexto da apresentação dos resultados do diagnóstico arqueológico realizado por uma equipa da Emerita – Empresa Portuguesa de Arqueologia, Lda. na área afecta a um projecto hoteleiro no sítio da Quinta das Donas (Portimão), propõe-se uma leitura de território à escala local, através da qual se pretende enquadrar os vestígios ali encontrados com a ocupação de Época Romana conhecida na área circundante.

A Quinta das Donas implanta-se na zona do barrocal algarvio, entre os complexos estuarinos do Rio Arade e da Ria de Alvor, denotando uma particular vocação agrária que se mostra especialmente relevante no âmbito da ocupação de Época Romana deste território (Fig. 1).

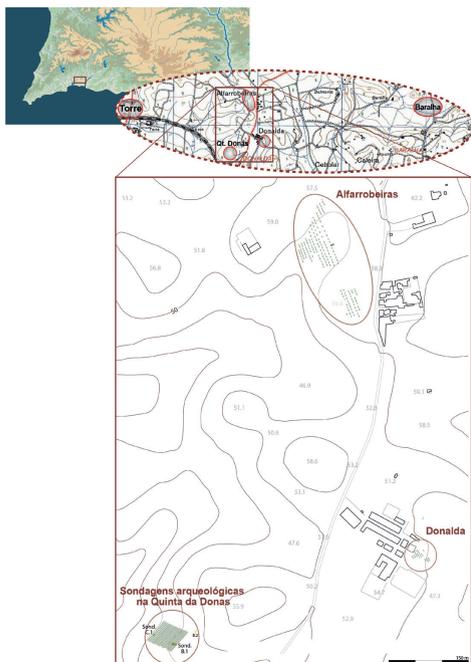


Fig. 1 - Localização das *villae* do Monte da Torre e da Baralha e do sítio arqueológico da Quinta das Donas, Portimão.

Todavia, historiograficamente constata-se que a investigação arqueológica nunca valorizou esta abordagem, centrando-se sobretudo nos diversos vestígios associáveis à exploração e transformação dos abundantes recursos marinhos, tidos como principal motivo para a instalação e desenvolvimento das comunidades desta área.

No território em análise, a Oeste da Quinta das Donas, cabe destacar a *villa* do Monte da Torre, identificada por Leite de Vasconcellos, que refere a existência de um edifício abobadado revestido por mosaicos (Vasconcellos, 1917: 130). Actualmente, não se conservam quaisquer vestígios das estruturas mencionadas por aquele investigador, registando-se, contudo, a presença de um peso de lagar de grandes dimensões. Merece também menção o sítio da Baralha, implantado numa zona com boas aptidões agrícolas, situado a Este da Quinta das Donas (Fig. 2), e que tem sido referido como uma *villa*, não obstante apresentar vestígios de *cetariae* (Fabião, 1997: 377, 2006: 503; Conejo Delgado, 2019: 576).

2. QUINTA DAS DONAS

Algumas das sondagens efectuadas na Quinta das Donas revelaram a presença de diversas interfaces abertas no substrato geológico (Oliveira, Monteiro e Dias, 2013), cuja configuração sugere tratar-se de vestígios relacionados com práticas agrárias. Entre estas cabe destacar a existência de diversas valas paralelas que parecem corresponder à surribe do terreno, assim como de pequenos covachos, provavelmente destinados ao plantio de espécies arbóreas (Fig. 3).

Do ponto de vista estritamente tipológico, os diversos formatos resultantes destes procedimentos são por norma difíceis de situar cronologicamente apenas em função da tipologia. De facto, a

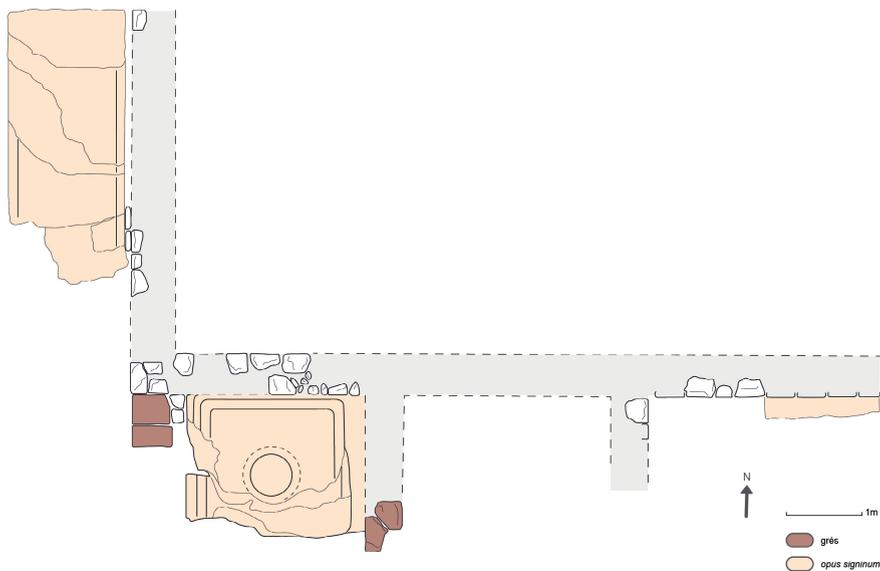


Fig. 2 - Planta das estruturas da *villa* da Baralha, Portimão. Desenho original do prof. Jaime Palhinha (Comissão instaladora do Museu Municipal de Portimão) efectuado em 1990.

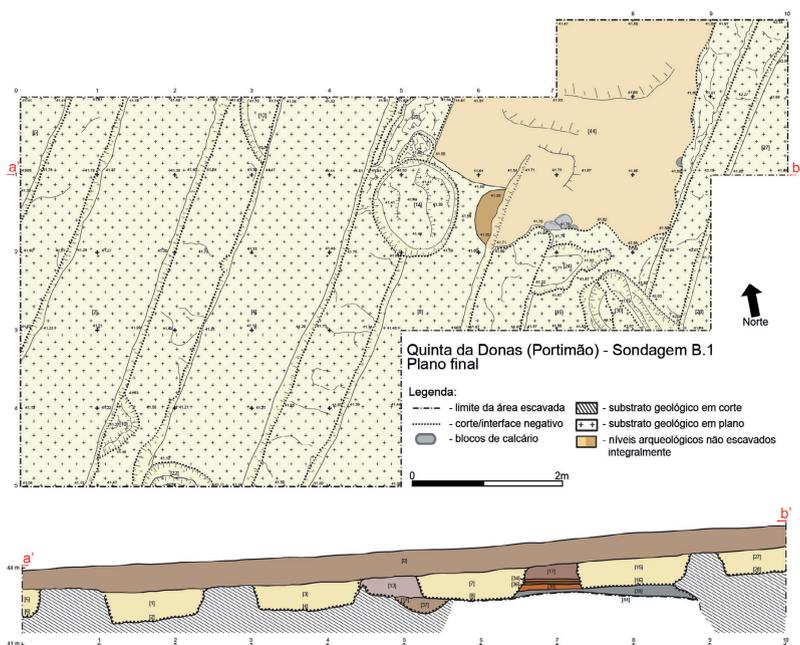


Fig. 3 - Planta e perfil da sondagem B.1 do sítio da Quinta das Donas, Portimão.

abrangência cronológica deste tipo de práticas é bastante lata, uma vez que os mesmos processos estão documentados desde Época Romana até praticamente à actualidade, caindo em desuso apenas com a introdução dos meios mecânicos na agricultura. Contudo, a estratigrafia registada na sondagem B1 demonstra claramente que a abertura das valas foi realizada em momento posterior aos séculos III-IV d. C, uma vez que esta é a datação do espólio arqueológico remobilizado na sequência desse procedimento. Não obstante, nada indica que tal não possa ter decorrido ainda em Época Romana pois nos respectivos enchimentos das valas não se recolheu material de cronologia mais recente, facto que, contudo, também não pode servir para defender a sua antiguidade.

Apesar de escasso, o espólio associado a estes vestígios permite enquadrar a exploração desta área em Época Romana, mais concretamente durante o Baixo-império. Identificou-se maioritariamente cerâmica comum, mas surgem também em quantidade razoável fragmentos de cerâmica de construção, todos correspondentes a *tegulae*, fragmentos de *terra sigillata*, de ânforas e, em quantidade muito diminuta, fragmentos de cerâmica de paredes finas (produções Alto-imperiais).

A extensa maioria dos fragmentos de *terra sigillata* corresponde a produções sudgálicas, datadas genericamente dos séculos I e II, em formas como a Drag. 18 (dinastia flaviana - segunda metade do século I), a Drag. 27 (Tibério e até aos finais do século I - 10 a 100) e a Ritt. 9 (20-60). As duas primeiras formas estão presentes, a título de exemplo, em Monte Molião - Lagos, em contextos datados de finais do século I e inícios do século seguinte (Arruda *et al.*, 2008: 181 e 182). Alguns fragmentos poderão corresponder às formas Drag. 15/17 ou Drag. 37 (Fig. 4, n.ºs 7 e 10), com cronologias entre

30 e 100 ou entre 80 e 120, respectivamente. O facto de o n.º 7 apresentar uma decoração a *guillhoché* na superfície interna aproxima-o da forma Drag. 37, mas não é sem algumas reservas que fazemos esta classificação. No respeitante aos fragmentos de bojos decorados, o destaque vai para os n.ºs 4 a 6 (Fig. 4). O n.º 4 apresenta, quase imperceptivelmente, um óvulo decorado, talvez de um fragmento da forma Drag. 30, datada de entre 80 e 110, o n.º 5 corresponde a um bojo no qual está representada uma figura humana que segura o que parece ser uma lebre. Peças com este tipo de figurações encontram-se datadas de entre 80 e 120 e a peça de Quinta das Donas oferece algumas semelhanças com uma peça com um painel similar de um fragmento de possível Drag. 37 de *Balsa* (Viegas, 2011: Est. 44, n.º 593). O n.º 6 encontra-se decorado com uma provável Cruz de Santo André, numa forma que pode ser também uma Drag. 37.

O mau estado de conservação das produções hispânicas de *terra sigillata* dificultou a classificação destas peças, que poderão ser produções de Peñafior, anteriores às produções de *Tritium Magallum* e Andújar (Fig. 4, n.º 8), correspondendo às formas 2 e 3B da seriação de Martínez, datadas entre os meados do século I e inícios do século seguinte e que conhecem alguns paralelos nos materiais de Faro e de *Balsa* (Viegas, 2011). Outros fragmentos correspondem a produções hispânicas de formas como a Drag. 15/17, datada de entre 100 e 200 (Fig. 4, n.º 9). Esta forma está também muito presente em contextos datados do segundo quartel do século II de Monte Molião - Lagos (Arruda *et al.*, 2008: 185 e 186).

Os restantes elementos de *terra sigillata* correspondem a produções africanas de Clara A e D e a possíveis produções de Clara E. Os fragmentos de Clara A correspondem todos a fragmentos de bo-

jos que podem ser datados de entre os séculos II e III, em peças que serão das produções mais antigas (A1), mas para as quais não arriscamos uma atribuição segura, num tipo de *terra sigillata* que aparenta ter sido produzido inicialmente nos finais do século I (Magalhães, 2021: 105). O único fragmento de *terra sigillata* Clara D recolhido em Quinta das Donas corresponde a um fragmento de bordo da forma Hayes 63, datada do Baixo-império, entre os séculos IV e VI (Fig. 4, n.º 2).

No respeitante às ânforas, correspondem a produções béticas da área gaditana e do Guadalquivir, balizadas cronologicamente do Baixo-império, entre os séculos III e V, em formas da seriação Almagro 50 (Keay XVI e XXII), produzidas para o transporte de preparados piscícolas (Fig. 4, n.ºs 18 a 20). Estas formas encontram-se presentes na região algarvia, e a título de exemplo, em Faro, *Balsa* e Castro Marim (Viegas, 2011: 561-562) e em posição geográfica mais próxima de Quinta das Donas, em Monte Molião - Lagos (Arruda *et al.*, 2008: 189).

A cerâmica comum de Quinta das Donas apresenta uma relativa diversidade de formas e proveniências, com peças produzidas local ou regionalmente (Fig. 4, n.ºs 12, 13, 16 e 17) e com peças importadas da Bética (Fig. 4, n.ºs 14 e 15). Surgem fragmentos de peças usadas quer na cozinha quer à mesa, em fragmentos de bordo e fundo de panelas e potes/panelas, tigelas, bilhas, tampas, pratos, copos e potinhos. Algumas tampas apresentam um ressalto duplo ou uma canelura na superfície interna do bordo de peças mais ou menos largas, mas sempre relativamente baixas, que proporcionavam um fecho hermético e que foram produzidas local/regionalmente ou na Bética (Fig. 4, n.ºs 15 e 16).

Considerando este conjunto cerâmico podemos apontar uma ocupação em Quinta das Donas centrada no século III,

atendendo sobretudo à associação de material em alguns contextos da sondagem B1, particularmente no que respeita às ânforas e à *terra sigillata*.

3. CONCLUSÃO

A análise ao enquadramento geográfico do sítio e a sua relação de proximidade com outros vestígios arqueológicos conhecidos vem, em nosso entender, reforçar a possibilidade de este se poder interpretar como um campo agrícola, cuja extensão parece exceder em muito a área sondada nesta intervenção.

A cerca de 500 m para SE do sítio de Quinta das Donas, em área próxima ao casario da Quinta da Donalda, situam-se os sítios arqueológicos de Alfarrobeiras e Donalda, os quais reputamos de bastante relevantes para a compreensão deste território. Ambos foram identificados por Estácio da Veiga em finais do século XIX, tendo então sido classificados como necrópoles e descritos nos seguintes termos: " (...) *extenso campo mortuário, repartido em dois grupos* (...) [as sepulturas] *são todas excavadas na rocha em alinhamentos proximamente paralelos e orientados de nor-noroeste a su-sueste*" (Veiga, 1891: 236).

A análise das respectivas plantas suscita algumas dúvidas quanto à interpretação defendida por aquele investigador, remetendo para a premência da reinterpretação tipológica de ambos os sítios. Desde logo, deve referir-se que os resultados dessas explorações não devem ser considerados conclusivos, uma vez que em nenhum dos casos foi registado qualquer enterramento *in situ*. Com efeito, relativamente ao sítio das Alfarrobeiras, Estácio da Veiga refere que mandou " (...) *abrir muitas* [sepulturas] (...) *não contendo senão terra negra, pedaços de louça partida e raros ossos*" concluindo

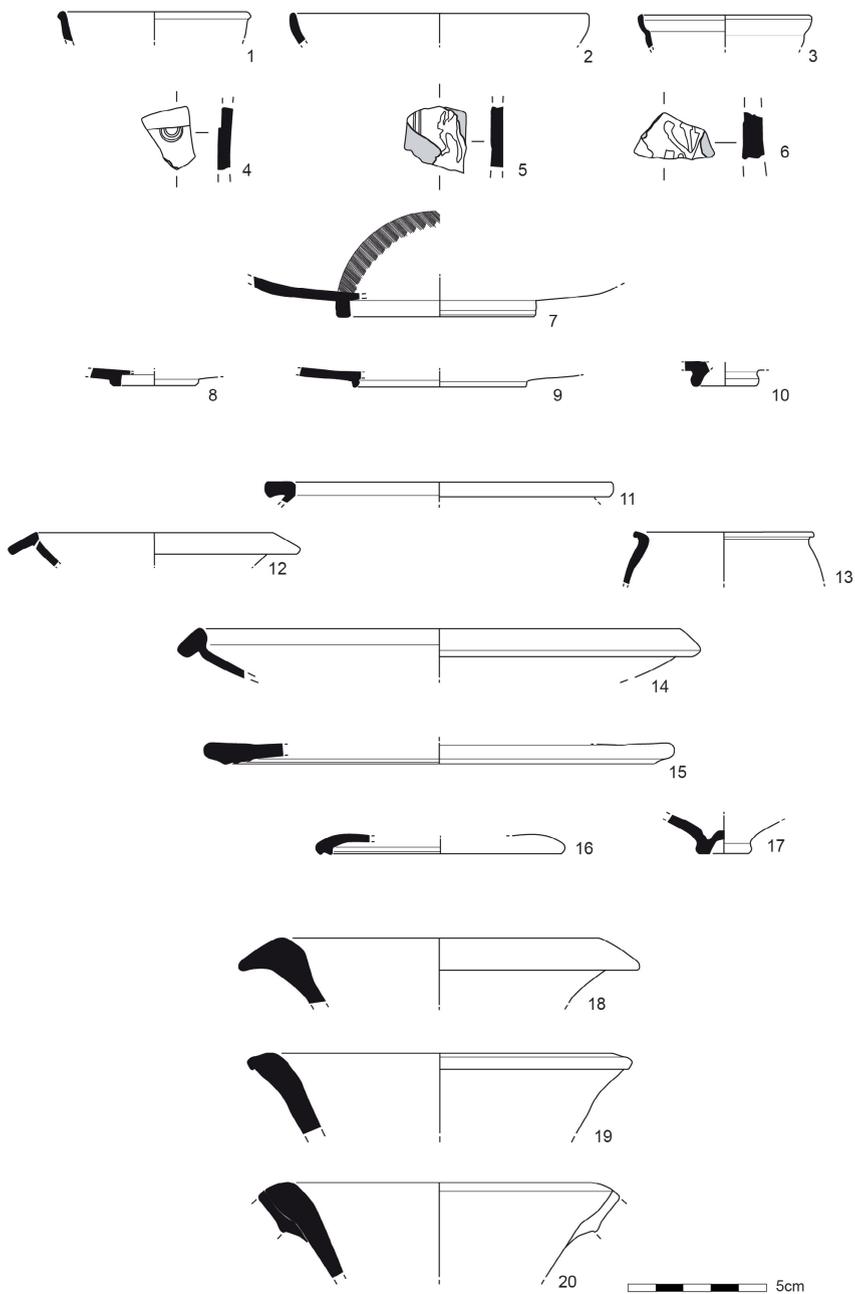


Fig. 4 - Espólio recolhido na intervenção no sítio da Quinta das Donas, Portimão: *Terra Sigillata* (n.ºs 1 a 10); cerâmica comum (n.ºs 11 a 17) e ânforas (n.ºs 18 a 20).

que “ (...) *todas estavam revolvidas desde longa data* (...) ” (Veiga, 1891: 236). Quanto ao sítio da Donaldal, não há qualquer indicação de que este tenha sido escavado, referindo-se apenas a obtenção de duas urnas intactas, as quais lhe haviam sido oferecidas com indicação dessa proveniência (Veiga, 1891: 236). Conhecendo-se as peças em questão, a sua atribuição à Idade do Bronze é inquestionável, algo que não sucede em relação às supostas sepulturas escavadas na rocha, as quais não têm paralelo no registo funerário daquela época, fundamentando assim a suspeição quanto à associação entre ambos os elementos.

Outro argumento que poderá justificar a reinterpretação destes sítios encontra-se directamente relacionado com o tipo de vestígios documentados na intervenção em Quinta das Donas. De facto, conforme já se havia referido, são evidentes os paralelos das valas documentadas nas sondagens B1 e C1 com vestígios de antigos campos agrícolas datáveis de Época Romana. A bibliografia especializada é bastante explícita quanto às várias soluções para a beneficiação de terrenos, defendidas nos tratados romanos de agronomia e sobre os diversos tipos de vestígios arqueológicos em que estas se podem traduzir (Boissinot, 2001: 48-51; 2009). De um modo geral, pode dizer-se que são três os principais métodos preconizados:

- a) *pastinatio* – corresponde à surriba completa do terreno com revolvimento integral do solo até determinada profundidade, sendo por isso bastante difícil de rastrear arqueologicamente;
- b) *sulci* – implica a criação de trincheiras paralelas, sendo utilizado sobretudo no campo da vitivinicultura;
- c) *scrober* – compreende a escavação de fossas isoladas, destinadas por norma à plantação de árvores de fruto.

Em função destes dados, facilmente se depreende que a utilização do segundo e terceiro métodos pode ser relacionada com os vestígios registados nas sondagens B1 e C1 de Quinta das Donas. Por outro lado, julgamos que a adopção do terceiro procedimento pode ter estado na origem das estruturas negativas registadas por Estácio da Veiga nos sítios de Alfarrobeiras e Donaldal, refutando assim a interpretação do arqueólogo algarvio que, conforme já se referiu, classificou os sítios como necrópoles, admitindo que as fossas poderiam corresponder a sepulturas.

Atendendo a esta nova proposta de interpretação, todos os dados parecem conjugar-se no sentido de o sítio de Quinta das Donas integrar uma antiga paisagem agrária que, como se viu anteriormente, se pode estender por vários hectares em redor da área alvo desta intervenção.

O enquadramento cronológico destes vestígios é uma questão que permanece em aberto, uma vez que as escavações em Quinta das Donas apenas permitiram aferir uma datação *post quem* para trabalhos de surriba aí registados, a qual pode ser balizada entre os séculos III e IV d.C. Considerando os paralelos conhecidos para sítios de Época Romana é sem dúvida tentadora a possibilidade de se tratar de um campo agrícola que remonte à Antiguidade Tardia.

Em termos de localização, existem também argumentos que podem ser invocados nesse sentido, uma vez que a área em questão se situa entre as duas grandes *villae* conhecidas neste território, as já referidas Monte da Torre e Baralha. Todavia, apenas o desenvolvimento de futuros trabalhos arqueológicos e de projectos de investigação específicos poderão contribuir para a clarificação cronológica desta paisagem agrícola, cujas indelévels marcas ainda sobrevivem cortadas no substrato geológico.

BIBLIOGRAFIA

- ARRUDA, Ana Margarida; SOUSA, Elisa de; BARGÃO, Patrícia e LOURENÇO, Pedro (2008) - «Monte Molião (Lagos): resultados de um projecto em curso». *Xelb 8. Actas do 5.º Encontro de Arqueologia do Algarve*. Silves: Câmara Municipal de Silves, p. 161-192.
- BOISSINOT, Philippe (2001) - «Archéologie des vignobles antiques du sud de la Gaule». *Gallia Archéologie de la France Antique*, 58, *Dossier La Viticulture en Gaule*, Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, p. 45-68.
- BOISSINOT, Philippe (2009) - «Les vignobles des environs de Mégara Hyblaea et les traces de la viticulture italienne durant l'Antiquité». *Mélanges de l'École Française de Rome, Moyen Âge*, 121-1, Rome, p. 83-132.
- CONEJO DELGADO, Noé (2019) - *Economía Monetária de las Áreas Rurales de la Lusitania Romana*. Tese elaborada para obtenção do grau de Doutor no ramo de História, na especialidade de Arqueologia, Universidade de Sevilha, Universidade de Lisboa.
- FABIÃO, Carlos (1997) - «As villae do actual Algarve». In *Noventa Séculos entre a Serra e o Mar*, Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico p. 373-385.
- FABIÃO, Carlos (2006) - «A exploração de recursos marinhos na Lusitânia romana: balanço dos conhecimentos e perspectivas da investigação». In *Historia de la Pesca en el Ámbito del Estrecho. II Conferencia Internacional (1-5 de junio de 2004, Puerto de Santa María, Cádiz)*, Sevilla: Junta de Andalucía, p. 489-529.
- MAGALHÃES, Ana Patrícia (2021) - *Troia. A terra sigillata da Oficina 1. Escavações de 1956-1961 e 2008-2009*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, Imprensa Nacional.
- OLIVEIRA, Carlos; MONTEIRO, Mário; DIAS, Miguel (2013) - *Relatório dos Trabalhos Arqueológicos Realizados no Âmbito do Projecto do Hotel da Quinta das Donas, Portimão*. Lisboa: Emerita - Empresa Portuguesa de Arqueologia. Exemplar policopiado.
- VASCONCELLOS, José de Leite de (1917) - «Coisas Velhas». *O Arqueólogo Português*. 1.ª Série, 22, Lisboa, p. 107-169.
- VEIGA, Sebastião Philippes Martins Estácio da (1891) - *Antiguidades Monumentaes do Algarve. Tempos Prehistoricos*. Lisboa: Imprensa Nacional, Vol. IV.
- VIEGAS, Catarina (2011) - *A Ocupação Romana do Algarve: Estudo do Povoamento e Economia do Algarve Central e Oriental no Período Romano*. Lisboa: UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

Município
Palmela
conquista



MUSEU
MUNICIPAL
PALMELA



9 789728 497897 >